

Escrita em pergaminhos ou folhas de papiro, impressa em livros, talhada em pedras ou esculpida nos corações, a Bíblia é o livro traduzido para mais de 2.935 línguas diferentes (dados da Sociedade Bíblica Unidas 2015), ainda assim, continua um livro muitas vezes desconhecido. Muitos a têm em casa, mas não a abre. Outros – como a um amuleto – a deixam aberta num lugar de destaque na sala, mas não a leem.

Hoje em dia, a Bíblia desperta cada vez mais, o interesse do povo cristão, principalmente nos círculos bíblicos, local que por excelência, orienta a reflexão sobre a vida.

A Igreja do Brasil, pós Concílio Vaticano II, nos trouxe um valioso reforço e impulso para a prática da leitura comunitária da Bíblia escolhendo e determinando o mês de setembro, o mês da Bíblia para toda nossa Igreja. Tal mês foi determinado a partir de 1971, entretanto, a Igreja do Brasil, já desde 1947 tinha o hábito de guardar o último domingo de setembro como o dia da Bíblia. Isso se deu em homenagem a São Jerônimo, o qual nasceu em 340 e faleceu em 420 d.C., tendo seu dia comemorativo celebrado em 30 de setembro. São Jerônimo foi o tradutor da Bíblia da língua hebraica e grega para o latim, originando a tradução chamada de Vulgata (Séc. V d.C.).

A Bíblia surge no meio de um povo do Oriente, o Povo de Israel. Este povo cria uma literatura que relata sua história, suas reflexões, sua sabedoria, sua oração. Toda essa literatura é inspirada pela sua fé no único Deus que lhes revela: “Estou sempre com vocês!”. Com esta certeza de fé no coração, todos os anos a Igreja escolhe um entre os 73 livros que compõem nossa Bíblia católica para estudá-lo em comunidades.

Para o ano de 2019, o livro escolhido foi a Primeira Epístola de São João (1Jo), a qual será brevemente tratada neste artigo.

Quando nos deparamos com uma bela obra, seja um quadro, pintura, escultura ou mesmo um ótimo livro, a primeira coisa a qual queremos saber é: “Quem fez?”. No caso da 1Jo, assim como em várias outras obras na Bíblia, isso não é possível determinar. O autor nunca se identifica. Percebe-se que é alguém com preocupação de corrigir erros cristológicos nas comunidades. Ele combate grupos heréticos (2,18; 4,1-6). Um grupo de dissidentes que saiu da comunidade (2,19) e continua a conflitar.

Pela forma com a qual escreve, podemos afirmar que provavelmente se trata do mesmo autor da 2Jo e da 3Jo, mas este certamente não é o mesmo do Evangelho e do Apocalipse. No entanto, há consenso de que todos os escritos joaninos venham do mesmo grupo, ou seja, as epístolas vêm da escola joanina, pois há consideráveis semelhanças no estilo e na teologia. A tese mais aceita é que um grupo de escribas joaninos escreveu as três cartas. Da escola joanina saiu o Evangelho e também as epístolas.

¹ Mestre em Teologia Bíblica na PUC-SP. Bacharel em Teologia pela Faculdade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT. E-mail: lucianojdias@gmail.com

Na 2ª e 3ª Carta, o autor se apresenta como o **Presbítero** (2Jo 1 e 3Jo 1). No fim do 1º século havia presbíteros na Igreja (At 14,23; 20,17-30). Mas parece que o presbítero aqui tem autoridade especial quando ataca os separatistas e interfere em comunidades alheias. Parece um bispo, mas nas comunidades joaninas não se tem resquício de estrutura episcopal. Papias e Irineu chamam de presbíteros a geração de instrutores que conheceu os apóstolos. Isto significaria que o autor fosse um discípulo da escola joanina.

Uma outra questão que nos veem a cabeça é porque teria escrito esta carta da forma com a qual o fez? Não se trata de uma carta comum. O leitor de 1 João nota algumas peculiaridades. A carta não tem cabeçalho. Não são citados o remetente nem os destinatários. A costumeira saudação também falta. Em vez disso o autor inicia com um prólogo de grande densidade teológica, que pela linguagem e forma nos faz lembrar o prólogo do Evangelho de João.

Isso nos leva a pensar que, alguém teria interpretado erroneamente o 4º Evangelho, ou seja, a alta cristologia, a pneumatologia, a ética e a escatologia. Este grupo divide Jesus, negando-lhe a carne (4,2-3), não guarda os mandamentos (1,6-8; 2,4). 1Jo quer corrigir erros de interpretação, por isto ressalta o outro lado da moeda. O 4º Evangelho trata dos de fora: os judeus; 1Jo trata dos de dentro: hereges (2,19).

Assim sendo, 1Jo é uma releitura do 4º Evangelho, com vistas de corrigir erros. Interpretando o Evangelho de forma diferente, o grupo está dividindo a comunidade. São separatistas. 1Jo exorta os fiéis contra os erros dos separatistas, por ser ele representante da longa tradição joanina (1,1-2). Ele reinterpreta o 4º Evangelho diante dos abusos dos separatistas.

Mas afinal, quem seriam estes separatistas? Não se conhece este grupo, a não ser pela Carta de João (2,19). Eles não deixaram textos escritos, por isto deve-se supor que pregavam aquilo que o autor condena. Conhecemo-los indiretamente por meio de 1Jo. Isto, no entanto, é perigoso, pois João escreve de maneira apaixonada e, talvez nem tudo o que deles diz corresponda a totalidade da verdade. Nosso retrato dos separatistas será visto pela lente de João. Assim veremos um corpo de doutrinas que supostamente professavam. Tanto 1Jo como os separatistas querem ser fiéis à Tradição joanina, isto é, ambos são herdeiros do Evangelho de João. O Evangelho de João oferece certas possibilidades de confusão. 1Jo é o firme intérprete do Evangelho que destitui os adversários. Alguns autores vêem os separatistas como sendo gnósticos. No entanto, a gnose se firma no século II. Os separatistas seriam pré-gnósticos.

Quanto a data na qual teria sido escrita a 1Jo, ocorre o mesmo problema que apresentado em relação ao autor, não podemos precisar com certeza quando foi escrita, entretanto, temos certeza de que foi após a escrita do Evangelho, que muitos datam em torno dos anos 80-90 d.C., sendo assim, podemos dizer que 1Jo teria sido escrita entre 90-100 d.C..

A 1Jo nos apresenta uma enorme área de combate teológico sendo travado entre dois grupos, estes combates estão centralizados nas áreas da cristologia, ética, escatologia e pneumatologia do 4º Evangelho.

O Evangelho de João tem uma cristologia elevada. No Prólogo já se fala da preexistência de Jesus (Jo 1,1). Tal cristologia trazia consequências tais como:

*A ênfase na divindade de Jesus ofusca a humanidade para cristãos que não o conheceram pessoalmente.

*Para cristãos perseguidos, qualquer falsa cristologia é motivo de guerra.

Tomando como base as afirmações da 1Jo, podemos vislumbrar os pontos de divergências contra os separatistas:

“Mentiroso o que nega que Jesus é o Cristo” (2,22s).

“Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele” (4,15).

“Todo o que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus” (5,1).

“O que crê que Jesus é o filho de Deus” (5,5).

Há uma clara insistência em dizer que Jesus é o Cristo (Messias, Filho de Deus). Isto combate ideias contrárias (2,22-23). A epístola está afirmando tais coisas porque o Evangelho (20,31) já o fizera. Mas agora, numa perspectiva diferente: O Evangelho descreve o Jesus histórico e o identifica com o Filho de Deus preexistente. A Carta está num contexto onde não se conhece Jesus pessoalmente, mas se conhece bem seus títulos messiânicos: Cristo, Filho de Deus, etc. Parte-se então dos títulos e quer-se aplicá-los ao Jesus histórico.

Quem conheceu Jesus tem dificuldade de admiti-lo como Messias. Quem vive na comunidade joanina e conhece bem os títulos messiânicos, sem ter conhecido o Jesus histórico, tem dificuldade em admitir que o Messias tenha vivido em Jesus (pobre e crucificado). Assim sendo, 1Jo afirma que “Todo espírito que confessa que Jesus Cristo vem na carne é de Deus” (4,2s). Isto nos mostra que os adversários de 1Jo tanto enfatizam a divindade que esquecem a humanidade de Jesus.

Já no século II ficaram conhecidas vários grupos que levantaram heresias a respeito de Jesus, entre estes grupos, podemos citar dos Docetas, (Docetismo) é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, considerada herética pela Igreja primitiva. Antecedente do gnosticismo, acreditavam que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas “aparente”. O Evangelho de João apresenta um Jesus real que pode ser tocado (Jo 20,24-29). Os separatistas, mesmo que talvez não fossem deste grupo, acentuavam o divino e empalideciam a humanidade de Jesus. Não julgavam a humanidade de Jesus como algo importante para a salvação. Isto encontra eco no Evangelho, pois apresenta um Jesus muito divino.

Ele preexistia (Jo 1,1).

Mostrou sua glória (Jo 1,14).

O milagre de Caná manifestou a glória de Jesus (Jo 2,11).

Jesus usa o ***Eu sou*** (8,24.28.58).

O Jesus de João quase não come e nem bebe (Jo 4,32ss).

Pão e água adquirem sentido espiritual (4,7ss; 7,38).

A postura de Jesus diante da morte de Lázaro é estranha. Ele se alegra (Jo 11,11ss).

Jesus sabe todas as coisas (Jo 16,30; 6,5s): sabia o que iria fazer. Jesus já sabia que Judas o iria trair (Jo 6,64.70s). Jesus é um com o Pai (Jo 10,30).

É como se João empalidecesse a importância salvífica da vida terrena de Jesus. Parece que o Verbo preexistente trouxe a salvação, sem muita importância ao que o Verbo encarnado fez (Jo 17,3.8). A salvação consiste em crer que Jesus foi enviado, não depende da Paixão, Morte e Ressurreição. Mesmo o relato joanino da Paixão não tem aquele peso que tem nos sinóticos. João vê a morte de Jesus de forma vitoriosa:

“Dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a arrebatou, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la” (Jo 10,17-18).

Nos sinóticos e Hb Jesus é vítima (Mc 14,35; Hb 5,8). Em Jo 18,6 os soldados caem por terra. Jesus é superior a Pilatos (Jo 19,8-11). Até na cruz ele supera o relato de Mc. Declara tudo consumado (Jo 19,30). Em Mc 15,34 clama pelo Pai que o abandonou.

Os separatistas viam nestes relatos apenas referências à vida de Jesus, mas o que importava era sua divindade.

1Jo quer corrigir estes desmandos quando diz: “Este é o que veio pela água e pelo sangue” (1Jo 5,6).

Jesus salva pela água (batismo = quem é Jesus cf. Mc 1,11) e pelo sangue (morte = quem é Jesus cf. Mc 15,39). A salvação envolve batismo e morte. O autor de 1Jo refuta os erros dos separatistas, mas não negam os conceitos do Evangelho: “No princípio era o Verbo” (Jo 1,1). Entretanto, o explica: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos...o que contemplamos...o que apalpamos” (1Jo 1,1). Fala-nos de um Jesus real, tão humano quanto divino: “A vida eterna que estava com o Pai nos apareceu” (1Jo 1,2; 3,8; 4,9; 5,20).

A Epístola insiste no valor salvífico da morte expiatória de Jesus:

“O sangue de Jesus nos purifica do pecado” (1,7).

“Ele é a vítima da expiação” (1Jo 2,2).

“Deu sua vida por nós” (3,16).

“Vítima de expiação” (1Jo 4,10).

O autor salienta o derramamento de sangue (sangue e água - 5,6).

Podemos concluir que o autor clareia ideias contidas no Evangelho, mas que estavam um tanto pálidas. O Jesus de 1Jo é o mesmo do 4º Evangelho, mas salienta o redentor.

Podemos averiguar que os separatistas incorrem em três problemas éticos: Não pecam – Não observam os mandamentos – não cumprem o amor fraterno. Eles se julgam tão unidos a Deus que não pecam mais:

“Se dissermos que estamos em comunhão com ele e andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1,6).

“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós” (1,8).

“Se dissermos que não pecamos fazemo-lo mentiroso e sua palavra não está em nós” (1,10).

“Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não guarda os seus mandamentos é mentiroso” (2,4).

“Aquele que diz que está na luz, mas odeia seu irmão, ainda está nas trevas até agora” (2,9).

“Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é um mentiroso” (4,20).

E eles se inspiravam no Evangelho de João para fazer suas afirmações:

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele” (Jo 6,56).

“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12).

“Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto” (Jo 15,5).

“Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei ainda mais a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles” (Jo 17,26).

Em 1Jo 1,8.10 o autor acusa aqueles que pretendem estar sem pecado (cf. exposto acima). Tais afirmações concordam com o 4º Evangelho. Jesus chama de **culpados de pecado** (Jo 15,22) e **escravos do pecado** (Jo 8,31ss) aos não crentes. Nesta concepção, o crente é livre do pecado.

Nesta perspectiva, os crentes não estão sujeitos ao pecado. Os separatistas levaram isto ao extremo. Além do mais, Jo 3,17-21 diz que quem não crê é julgado. Em outras palavras, a tradição joanina deixa a entender que quem segue a Jesus não é mais pecador.

Para o autor da 1João, ausência de pecado é consequência da adesão a Jesus. Mas ainda há a possibilidade do pecado (1Jo 2,1). Já para os separatistas, ausência de pecado é fato consumado. Não admitem exceção.

O autor insiste na observância dos mandamentos:

“E sabemos que o conhecemos se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não guarda os seus mandamentos é mentiroso” (1Jo 2,3-4).

“Porque guardamos seus mandamentos” (1Jo 3,22).

“Aquele que guarda seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 3,24).

“Quando amamos a Deus e guardamos seus mandamentos. Pois este é o amor de Deus: observar os seus mandamentos” (1Jo 5,2-3).

Diante disto, pode-se supor que os separatistas não ligavam para o comportamento, ou seja, assim como não ligavam para a vida histórica de Jesus, também não atribuíam valor salvador à vida moral do cristão. Consideravam-se fora do mundo (Jo 15,19; 17,16).

“Se a vida eterna consiste em conhecer a Deus, e aquele que ele enviou (17,3), pode-se afirmar que se tem intimidade com Deus, independentemente do que se faz no mundo”.²

² BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983, p.134.

Os separatistas também são acusados de não cumprir o amor fraterno. A falta de amor, de que são acusados, é o rompimento com a comunidade. A mesma acusação poderia ser feita pelos separatistas ao autor e sua comunidade. A aspereza com que o autor trata seus adversários seria prova de ódio. Isto mostra como o Escrito do NT que mais insiste no amor (4,20), é também a voz que mais condena os adversários, chamando-os de demônios, anticristos, falsos profetas (2,18.22; 3,4-5; 4,1-6). O amor do autor só se estende aos de dentro da comunidade e se nega aos de fora, isto é, aos apóstatas. Deve-se rezar pelos que pecam, mas somente se for pecado que não leva à morte (5,15-17). O pecado da apostasia não merece amor.

Nisto há uma grande diferença com Mt 5,44 que pede oração pelos inimigos. Jo 13,34-35 e Jo 15,12-17 parece ser amor aos que são discípulos, não aos de fora. Até Jesus se recusa a rezar pelo mundo (Jo 17,9).

Em relação à escatologia, o Evangelho de João parece trazer uma escatologia já realizada. Enquanto os sinóticos esperam o Reino de Deus para o futuro (Mc 1,15; 10,30; Lc 12,8-9), o 4º Evangelho mostra Jesus já cumprindo sua missão.

“Quem crê nele não é julgado; quem não crê já está julgado” (Jo 3,18).

“Aquele que ouve a minha palavra e crê Naquele que me enviou tem a vida eterna; ele não vem a juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5,24).

“Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54).

“Todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais” (Jo 11,26).

Com base nestas e em outras citações os separatistas tiravam suas conclusões: toda a salvação já está consumada pelo Verbo. Por isto os cristãos não têm com que se preocupar neste mundo. Jesus cuidou de tudo. O autor de 1Jo também concorda com tal escatologia (1,7; 2,9-10. 13-14). Mas não quer que tal escatologia reforce a posição alienada dos separatistas, por isso irá reforçar o valor do compromisso:

“Mas se andamos na luz... então estamos em comunhão...” (1Jo 1,7).

“Mas o que guarda sua Palavra, nele o amor de Deus é verdadeiramente perfeito” (1Jo 2,5).

“Já somos filhos de Deus, mas o que seremos ainda não se manifestou” (1Jo 3,2).

“Todo o que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo” (1Jo 3,3).

“Quando se manifestar, teremos plena confiança e não seremos cobertos de vergonha” (2,28).

“Temos plena confiança para o dia do julgamento” (4,17).

A diferença entre os separatistas e o autor de 1 Jo consiste nisto: os separatistas veem a salvação como fato consumado. O autor vê a salvação como fato, mas que é preciso cultivar com a vida.

Especialistas dizem ser muito provável que, na Igreja Joanina não havia estrutura apostólica. Então poderia haver nela papéis de profetas e doutores com em 1Cor 12,28 e At 13,1. Se assim o for, pode-se supor que entre os separatistas alguns se aplicavam tais títulos e que diziam falar pelo Espírito Santo. Pode-se deduzir isto das acusações do autor da 1Jo:

“Não tendes precisão de que alguém vos ensine” (1Jo 2,27).

“Muitos falsos profetas se espalharam pelo mundo” (4,1).

Os separatistas encontram apoio no Evangelho de João para suas teses. João fala muito no Paráclito:

“O Pai vos dará um outro Paráclito que permanecerá convosco para sempre” (Jo 14,17).

“O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas” (Jo 14,26).

“Quando vier o Espírito de verdade, ele vos conduzirá à verdade plena” (Jo 16,13).

O autor de 1Jo reage a estas pretensões dos separatistas citando pouquíssimo o Espírito Santo, restringindo isso a apenas duas ocasiões:

1º) 3,24-4,13 = Distinção ente o Espírito de Deus e o do Anticristo (combate aos separatistas).

2º) 5,6-8 = O Espírito como testemunha de Jesus (contra os separatistas).

Ele também não usa de autoridade apostólica para corrigir. Uma vez que o Paráclito era o Mestre, o autor tem dificuldades em corrigir. Ele apela para a orientação íntima dos cristãos:

“Quanto a vós, tendes uma unção que vem do Santo, e todos tendes conhecimento” (1Jo 2,20).

“Não tendes precisão de que alguém vos ensine” (1Jo 2,27).

O autor lembra que cada cristão tem unção (Espírito) e não precisa dos mestres separatistas. Assim não se autodenomina “Mestre”. Assim, os separatistas estão errados porque romperam a comunhão com os crentes (1Jo 2,19). O autor continua a tradição, pois anuncia o Evangelho que vem deste o princípio (1Jo 1,1).

Percebe-se que o autor corrige sem muita autoridade hierárquica, mas apenas moral. “**Nós** vos anunciamos” (1Jo 1,3). “**Nós**” que permanecemos no grupo.

“Não deis crédito a qualquer espírito...O Espírito de Deus confessa Jesus vindo na carne... o Espírito que divide Jesus é o espírito do Anticristo” (1Jo 4,1-3).

“Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve, quem não é de Deus não nos ouve” (1Jo 4,6).

Mesmo assim, sua correção deve ter sido ineficaz, pois constata que eles crescem (1Jo 4,5).

Conclusão

A 1ª Carta de João é um edificante tratado, um verdadeiro testamento de fé para edificar as comunidades. É uma reinterpretação do 4º Evangelho, feita por algum membro das comunidades joaninas, ou melhor, da tradição joanina. O Evangelho tem, às vezes, uma linguagem ambígua. Para fiéis contagiados pela filosofia grega (dualismo grego), este terreno era fértil para reduzir Jesus ao mundo das ideias. Jesus é divino, sua humanidade pouco conta. Esta postura refletiu na ética, na pneumatologia e na escatologia. O autor de 1Jo, baseado na verdadeira tradição Joanina, corrige estes abusos, recorrendo ao próprio Evangelho e ao Bom Senso dos fiéis.

A 1ª Carta de João é uma correspondência sempre atual, corrige não somente os erros do passado, pode ser usada em nossa realidade atual, mostrando-nos o Cristo de nossa fé e o Jesus Histórico, enviado do Pai, vivo e preocupado com problemas reais de seu tempo. Assim sendo, também nós podemos beber desta tradição, aprender com ela e corrigir os erros de interpretação que hora ou outra atentamos.

Bibliografia

R.E. Brown, A comunidade do discípulo amado. São Paulo: Paulus, 1999.

Arens/ Manuel Diaz Mateos. O apocalipse – a força da esperança: Estudo, leitura e comentário. São Paulo, Loyola, 2004.

Jean Yves Leloup. Apocalipse – clamores da revelação. São Paulo, Vozes 2003.

Niceta M. Vargas. Chave para o evangelho de João. São Paulo, Santuário 1996.